

colecta | *antes de nos sentarmos*

Vinde, Senhor, a estas aldeias dos arredores, ao rés da terra,
nossa face de sombra e erva, e depositai a ténue pulsação do Vosso
esplendor sobre todas as nossas calmas formas,
matérias densas, raízes lentas onde a cinza se instalou
com o tempo e as suas minúcias de pó.

Que límpida argila nos moldará o rosto senão a Vossa?
Por Jesus, o Cristo, unidos pelo Espírito a vós,
Deus vivo que nos amais pelos séculos dos séculos. Amen.

oblatas | *à mesa*

Como não acender o corpo, Senhor, quando, bem sabeis,
aqui é o lugar onde se forma a face visível e silenciosa do perdão?
O Vosso olhar é o amor da luz, esse súbito candor que nasce
das raízes onde o implacável vive, e a dança, quase imóvel,
acolhe a palavra à beira do seu ser, e então dizemos o silêncio,
o repouso, o movimento do Vosso braço intenso sobre a terra.
Por Jesus, o vosso Cristo e nosso Senhor. Amen.

final | *já de pé, antes de sairmos*

Nós Vos damos graças, Senhor, pela Vossa palavra clara e
insubmissa, pelo Vosso pão, como um ramo, curvado sobre o tempo
– matrizes primordiais, matéria habitada, formas indizíveis da
gentileza da misericórdia com que a água deposita a sua caligrafia
sobre as pedras, e não aparteis de nós o Vosso rosto,
pois todo o olhar é uma confirmação do lugar e do ser.
Por Jesus, o vosso Cristo e nosso Senhor. Amen.